A Arte do Comentário

Vejo pouco televisão. O comentário, seguido do noticiário e do documentário, destaca-se como o tipo de programa a que mais assisto. Com o tempo e o hábito, desenha-se a tendência no sentido de ouvir cada vez menos e observar cada vez mais. Seguem alguns apontamentos deste exercício confortável.

O comentário está no vento. É das poucas atividades que não para de crescer com a crise. Não há processo, não há evento, que não justifique um painel de comentadores. Em tempo de crise de sentido, as pessoas querem, como os etruscos, sondar as vísceras dos acontecimentos. Os comentadores são, de algum modo, os sacerdotes, se não da predição, pelo menos, da interpretação dos nossos destinos. Até que a dose vire vacina...



Figura 1: Statler e Waldorf, os comentadores da série The Muppet Show

Suplantando em número os chapéus de Vasco Santana, os comentadores revezam-se na televisão, na rádio, na imprensa, na internet... Entre a vigília e o sono, todos andamos expostos ao comentário. Cientistas, artistas, jornalistas, especialistas, notáveis e figuras públicas em reserva política, todos eles se sentam à mesa do ecrã e nos abençoam com a sua sabedoria. Quase todos se inscrevem numa posição de liminaridade face à política. Como galinhas a bicar milho à volta de uma gamela. O comentário é a twilight zone do espaço político.

A promoção da verdade é o pressuposto constituinte do comentário, mas aquilo que realmente importa é a performance, a esgrima argumentativa. Solilóquio ou colóquio, o comentário é um bailado do espírito, no mínimo, um tango. É um trabalho de equipa, tal como Erving Goffman e Anselm Strauss o encaram, um jogo a várias mãos. Equipas, em alguns casos, admiravelmente duradouras e estáveis (e.g., A Quadratura do Círculo ou o Eixo do Mal).

A arte de comunicar tem as suas artes. Imensas e rebuscadas. Passo a enunciar algumas.

À primeira arte, chamo-lhe, na falta de melhor, a arte da massagem. Introduzido um problema, os comentadores focalizam-no, mas de tal jeito que nem dele saem, nem nele entram. Um primeiro comentador aborda o problema, aqueloutro retoma-o, um terceiro acrescenta-lhe um retoque, que outro comentador aproveita para voltar ao assunto... Entoa-se, assim, durante um rosário de minutos, um coro que só tem refrão. Ficámos elucidados? Em fisioterapia, a massagem pode aliviar a dor, num comentário, a massagem pode fazer desaparecer o problema. O público é agraciado com a leveza do vazio.

A arte da poeira é praticamente oposta à da massagem. Introduzido o assunto, o primeiro comentador perde-se em "a propósitos". O segundo interrompe-o para contribuir com vários complementos. O terceiro desfaz-se em "à partes". Tudo lateraliza. E assim gira, excêntrico, o carrocel da palavra. Contornar labirinticamente um assunto sem o investir lembra o discurso paratático de Theodor W. Adorno. O efeito poeira transforma o público num camaleão estrábico. Tal como na massagem, o assunto desaparece, como uma acendalha que, uma vez acesa, logo se apaga.

Para terminar, a arte do *comentactor*. Metaforicamente falando, os comentadores não dispensam o uso de máscaras. Ampliam a palavra e baralham o público. Há comentadores que vestem várias personagens, incluindo a de político. Alguns, estrelas, mais do que comentar, fazem a notícia. Os seus comentários são abundantemente comentados. Fazem ricochete nos sofás e disparam para as bandas de Belém, São Bento, Rato, São Caetano... O programa transforma-se em tribuna, palco de ação política "por outros meios". O comentador é, por excelência, *comentactor*.

Gosto do comentário. Nem sei por que passei o texto todo a criticá-lo. Rabugice galopante? Talvez por, na minha tribo, a crítica continuar a ser um gesto de respeito e consideração.

Albertino Gonçalves, A Arte do Comentário, ComUM online, 05.03.2013; Tendências do Imaginário, 05.03.2013